

OXIGÊNIO

JANEIRO 2021

o

NÚMERO 17



CHIHARU SHIOTA:
CONEXÕES AFETIVAS
AINDA QUE À DISTÂNCIA

O

EDITORIAL

Façamos como manda nossa Fernandona *“vamos existir para o futuro e acreditar em 2021”*.

E como entramos na Era de Aquário, *“Let the sun shine in...”*

O ÍNDICE

04 **OXIGENE:** Biografia conta a vida explosiva e genial de Jacob do Bandolim
Ararinha-azul, o avião mais colorido da América do Sul

07 **EXPOSIÇÃO RJ:** A partir do dia 13, no CCBB RJ, as *Linhas da Vida*
de Chiharu Shiota

13 **AGUARDENTE SUSTENTÁVEL**

15 **EXPOSIÇÃO SP:** Corredor Cultural de SP recebe maior exposição individual
de Beatriz Milhazes

20 **TURISMO:** Gonçalves, terra das cachoeiras | A pouco mais de uma hora
de Gonçalves, o talento de Domingos Tótora em Maria da Fé

26 **ARTISTA INDICA ARTISTA:** A sutil delicadeza de Renato Bezerra de Mello
por Fernando Henning

31 **DIRETO DE LONDRES:** Um mergulho na arte virtual

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato
Colaboradores: Antonella Kann e Fernando Henning
Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.



Foto: Divulgação

BIOGRAFIA CONTA A VIDA EXPLOSIVA E GENIAL DE JACOB DO BANDOLIM

Em 672 páginas, Gonçalo Junior esmiúça a trajetória do compositor e instrumentista que redefiniu a história do chorinho, com revelações surpreendentes

Jacob Pick Bittencourt, o Jacob do Bandolim, tinha um segredo que não mediu esforços para esconder ao longo dos seus breves, porém intensos, 51 anos de vida: o fato de ser filho de uma ex-prostituta e cafetina judia polonesa, que atuava no boêmio bairro da Lapa. Isso fez com que o futuro gênio do choro crescesse em um ambiente conturbado, além de criado por uma mãe opressora. O que não o impediu, no entanto, de ter uma vida irrepreensível como escrивão criminal e uma das mais impressionantes carreiras da história da MPB.

Temperamental, irascível e impicante, de uma sinceridade que muitas vezes lhe trazia problemas irremediáveis, desafetos e inimigos, perfeccionista em seus

ensaios e nos discos que gravava, o mulhereengo Jacob foi um talento raro que viveu intensamente cada segundo. Dizia que as cordas do seu bandolim não eram de aço, mas feitas das fibras do seu coração. O mesmo órgão que o matou, aliás, ajudado pelo comportamento passional e emotivo, 24 horas por dia, e que fez dele um dos personagens mais intensos e interessantes da música brasileira. Em paralelo a uma vida tão intensa, Jacob deixou uma obra singular e irretocável na história do choro.

Tudo isso está contado, em detalhes, na biografia indispensável *Jacob do Bandolim – Um coração que chora*, de Gonçalo Junior, que está sendo lançada pela Editora

Noir. Resultado de três anos de intensa pesquisa e escrita, em que o autor teve acesso a mais 400 horas do arquivo pessoal do artista, milhares de documentos e entrevistas com três dezenas de pessoas que o conheceram, é uma obra que emociona e faz rir. Se brigava com metade do mundo, Jacob gozava da amizade e sabia expressar suas emoções com o restante da humanidade. Mas nada o fazia chorar mais de emoção do que seu bandolim e as notas que tirava de cada corda.

O AUTOR

Gonçalo Junior é jornalista e já publicou mais de 40 livros, a maioria biografias, entre as quais Rubem Alves (*É uma pena não viver, Planeta*), Assis Valente (*Quem samba tem alegria, Civilização Brasileira*), *O Bandido da Luz Vermelha* (*Famigerado!*, *Noir*), Vadico (*Pra que mentir?*, *Noir*) e Herbert Richers (*Versão Brasileira, Criativo*). É autor também de obras de referência como *A Guerra dos Gibis* (*Companhia das Letras*) e *Enciclopédia dos Monstros* (*Ediouro*).



SERVIÇO:

Jacob do Bandolim – Um coração que chora

Editora Noir

Autor: Gonçalo Junior

672 páginas, caderno em cores de 32 páginas

Valor: R\$ 119,00

Onde comprar: No site da Editora Noir, com frete grátis www.editoranoir.com.br

Nas lojas físicas e virtuais da Livrarias *Martins Fontes* e *Travessa*.

Na loja virtual da *Amazon*.



Foto: Divulgação



Fotos: Divulgação

ARARINHA-AZUL, O AVIÃO MAIS COLORIDO DA AMÉRICA DO SUL

Aeronave traz pintura que é um convite à reflexão sobre a importância da preservação da biodiversidade brasileira

A arte é do grafiteiro, diretor de arte do mercado publicitário e designer paulistano, Pardal, que aceitou o desafio proposto pela Azul Linhas Aéreas, Tintas Coral e Embraer de empregar seu talento no maior avião já fabricado no Brasil, o E195-E2. A aeronave já está colorindo o espaço aéreo do país.

O grafite saiu da paisagem urbana e chegou ao céu, em uma obra que traduz todo o significado dessa homenagem, rica em detalhes, e que convida a uma caça ao tesouro. Juntamente com o mapa do Brasil, seis ararinhas e um pardal (símbolo do artista) compõem o trabalho, que também conta com um emaranhado de palavras da Azul. As caudas coloridas das ararinhas remetem às cores e à identidade visual da Tintas Coral.

A ideia tem o objetivo de apoiar o projeto *Ararinha na Natureza*, conduzido pelo *Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)* e a *Association for the Conservation of Threatened Parrots (ACTP)*, da Alemanha, que se reuniram com a missão de reintroduzir e proteger a ararinha-azul, espécie considerada extinta em ambiente natural desde 2000, para repatriar cerca de 50 dessas aves em seu *habitat*.

Paralelamente, a Tintas Coral levou – por meio do movimento *Tudo de Cor* – sua experiência em sustentabilidade e impacto social a Curaçá, na Bahia, cidade que é a terra natal das ararinhas-azuis, com um centro de reprodução e soltura construído para o recebimento das aves em março de 2020.



A partir do dia 13, no CCBB RJ,
as *LINHAS DA VIDA* de CHIHARU SHIOTA



Linha interna, 2019

Foto: Augusto Costa

Com curadoria de Tereza de Arruda, a mostra reúne trabalhos que datam do início da carreira da artista, em 1994, até instalações inéditas inspiradas no Brasil

A transitoriedade dos ciclos da vida, a memória e a própria experiência pessoal inspiram a obra da artista japonesa nascida em Osaka, em 1972. Conhecida principalmente por seus trabalhos *site specific* em grande escala, frequentemente compostos por emaranhados de linhas, Shiota é autora de uma obra multidisciplinar, fazendo uso de suportes diversos: são instalações, performances, fotografias e pinturas. A artista tem sua extensa obra celebrada na mostra retrospectiva *Linhas da Vida*, em cartaz de 13 de janeiro a 19 de abril no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, com curadoria de Tereza de Arruda.

Radicada há 23 anos em Berlim, Chiharu Shiota iniciou sua carreira artística em 1994, tomando a pintura como principal suporte. Todavia, logo descobriu que o espaço bidimensional era limitado para seu processo criativo e expandiu para as outras linguagens. *Linhas da Vida* reúne cerca de 70 obras que datam desde o início de sua produção artística aos dias atuais.

“Nesta mostra, Chiharu Shiota convida o público a refletir sobre memória coletiva e traz um respiro em meio à pandemia que o mundo atravessa. São fotografias, vídeos, desenhos, gravuras e objetos selecionados meticulosamente para uma imersão no universo de Shiota que nos fazem pensar em ligações, conexões afetivas ainda que à distância”, diz a curadora.

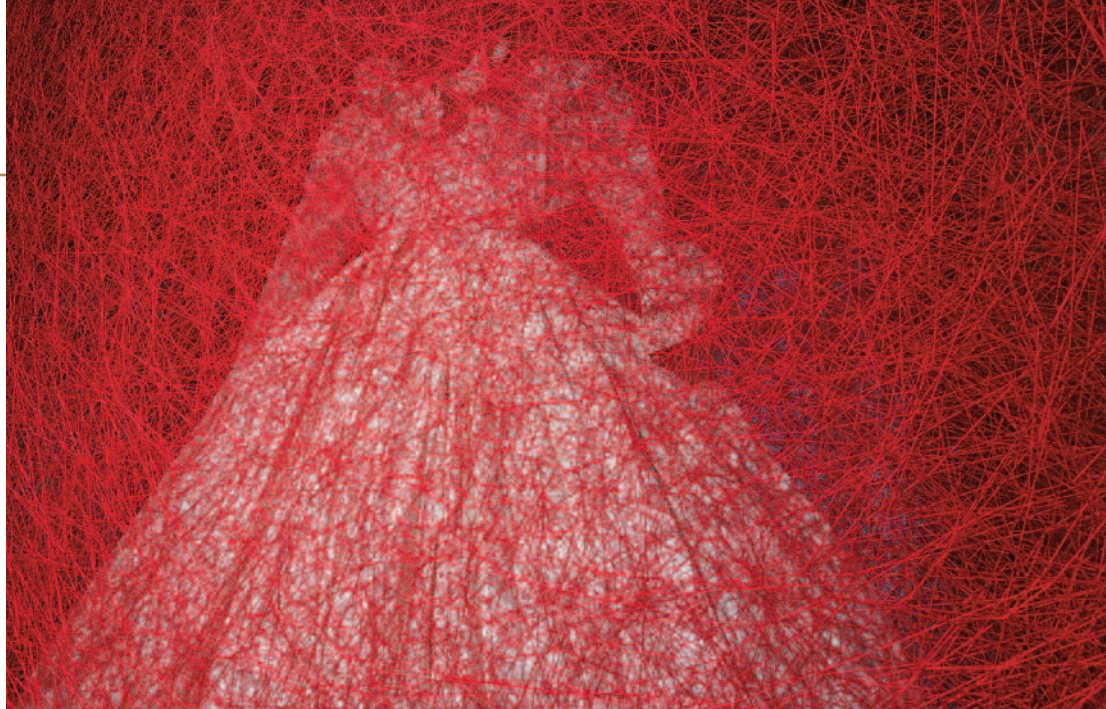
Organizada em cinco núcleos, a exposição é um convite de Shiota para que o visitante reflita sobre a vida, seu propósito, conexões e memória.

*“Quero unir as pessoas no Brasil,
não importando sua origem,
status social, formação educacional,
nacionalidade ou qualquer outro
fator divisor. Como humanos,
devemos vir juntos e questionar
o nosso propósito na vida
e por que aqui estamos”*

Chiharu Shiota



Chiharu Shiota, earth+blood, still 5



Estado de Ser (Vestido) e detalhe, 2019

Fotos: Ding Musa

Na mostra, o público poderá conferir grandes instalações inéditas, como o *site specific* “*Além da Memória*” (2019-2021, foto de capa da Oxiênio), obra inspirada na diversidade do povo brasileiro, criada em diálogo com a arquitetura clássica do Centro Cultural Banco do Brasil. Suspensa, com 13m de altura e em forma de uma espécie de teia, a instalação é composta por mais de 20 mil folhas de papel em branco e dois mil novelos de lã. É um convite para que o público idealize sua própria história e resguarde sua memória.

O *site specific* “*Linha Interna*” (2019) é composto por três grandes vestidos vermelhos, além de cerca de 10 mil fios pendurados verticalmente, totalizando mais de 34 quilômetros de material. A inspiração vem das relações humanas, das memórias, da vida e da morte – temas que aparecem a todo momento na obra de Shiota. A artista evoca uma lenda japonesa que conta que quando uma criança nasce, um fio vermelho é amar-

rado em seu dedo, representando a extensão de suas veias sanguíneas que correm do coração até o menor dedo de suas mãos. Ao longo da vida, esse fio invisível se entrelaça ao fio de outra pessoa, conectando uma à outra de alguma forma que impactará profundamente seus caminhos.

A cor vermelha faz referência ao sangue que corre pelos vasos sanguíneos, que gera o fluxo de energia e a conexão entre as pessoas. Para Chiharu, esse fio vem do coração e cria um universo de conexões. “*Acredito que todos estamos conectados. Você pode não ver isso com seus olhos, mas se pudesse, enxergaria que os humanos estão todos conectados*”, ela afirma.

Os destinos da vida são questões recorrentes no processo de criação de Shiota. Em suas obras ela tece as linhas de sua vida e convida o público a fazer o mesmo. Em outro momento, dois barcos escuros

surgem em meio a emaranhados de cordas pretas como alusão aos caminhos da vida. Trata-se de *“Dois barcos, um destino”* (2019), uma metáfora da artista sobre as formas de avançar, viajar, sem necessaria-

mente saber qual é o ponto final, tal qual o percurso da vida. *“Os barcos simbolizam os portadores de nossos sonhos e esperanças, levando-nos através de uma jornada de incerteza e admiração”*, afirma Shiota.



Dois barcos, um destino, 2019

Foto: Augusto Costa



Vista da exposição no CCBB Brasília

Foto: Augusto Costa

Chiharu divaga sobre a ideia de uma conexão universal de todos os seres. Transforma sua história em uma linguagem artística de caráter singular, sublime e tomada de elementos triviais. É disso que nasce o conjunto de esculturas e edições organizados em *“Conectada com o universo”* (2016 - 2019), núcleo onde estão expostas gravuras que têm como ponto de partida um ser conectado ao universo por um fio, espécie de cordão umbilical simbolizando o início da vida antes mesmo do nascimento. Em outras obras, a artista sugere que este mesmo ser se vê imerso ou

submerso em um buraco ou invólucro sem perspectiva de saída e, assim, sua conexão com o mundo externo passa a ser realizada por vias imaginárias ou mesmo espirituais.

A presença do hermetismo não é ao acaso. Em dado instante de sua trajetória, Shiota tomou uma decisão existencial e parou de pintar – na época, seu principal suporte artístico – porque não sentia que sua vida e sua criação artística estavam limitadas ao universo bidimensional. Sonhou que se via dentro de uma pintura e

foi assim que concebeu a icônica performance *Transformando-se em pintura* (1994).

A tinta usada por Shiota nesta performance era tóxica e a artista sentiu imediatamente sua pele queimar e o pigmento só desapareceu depois de alguns meses. Passados cerca de 20 anos, a artista voltou a utilizar a tela, porém não como um suporte pictórico convencional, mas sim como suporte de sua assinatura pessoal, sobre a qual aplica a trama de lã originariamente utilizada em suas instalações.

A exposição também traz uma imagem da instalação *“A chave na mão”* (2015), que esteve na 56ª Bienal de Veneza e na qual Chiharu representou seu país no pavilhão do Japão. A obra foi composta por dois barcos que lembram, segundo a artista, duas mãos receptoras prestes a agarrar ou deixar de lado uma oportunidade, postos em um emaranhado de 180 mil chaves.

“O montante foi coletado por Shiota em uma campanha internacional, ato que a comoveu porque as pessoas normalmente dão suas próprias chaves somente a quem confiam. Para a artista as chaves estão associadas a memórias pessoais que nos acompanham em nossas vidas cotidianas”, conta Tereza de Arruda.

Em outro núcleo, *Linhas da Vida* apresenta trabalhos pautados no corpo, tema que aparece desde os primórdios na criação de Shiota. São obras em que a artista investiga questões ligadas à identidade, memória, corpo, fragilidade e doenças.

“O trabalho de Shiota evolui a partir de uma dinâmica orgânica de fazer e criar. Nota-se aqui que dentro de uma mesma temática há uma abrangência de obras distintas, como filmes resultantes de performances intimistas, tendo a artista como única protagonista em um relato pessoal, objetos compostos de roupas, que na perspectiva de Shiota existem como uma segunda pele humana a carregar em si os traços e vestígios da experiência humana e memória aí vivenciada, ou ainda objetos de vidro representando órgãos do corpo humano são ou dilacerados. Estes gestos e objetos artísticos referem-se à vida humana de forma geral”, finaliza a curadora.



Vista da exposição no CCBB Brasília
Foto: Augusto Costa

SERVIÇO:

LINHAS DA VIDA, EXPOSIÇÃO DE CHIHARU SHIOTA
de 13 de janeiro a 19 de abril de 2021

Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB Rio de Janeiro
R. Primeiro de Março, 66 - Centro, Rio de Janeiro / RJ

Funcionamento: das 9h às 18h, mediante agendamento
prévio no site Eventim – www.eventim.com.br

Site: bb.com.br/cultura

Entrada gratuita, mediante a retirada de ingressos
na bilheteria

Classificação: Livre



Foto: Divulgação

AGUARDENTE SUSTENTÁVEL

Cacahuatl é primeira aguardente do Brasil feita a partir das partes descartadas do cacau. Produzida no Espírito Santo, já conta com pedidos de importação

Movido pela paixão por destilados, o empreendedor capixaba André Scampini viu na produção de cacau de seu sogro uma grande oportunidade de negócio sustentável: a produção de uma aguardente feita a partir das sobras de cacau, uma vez que somente uma parte

do fruto é aproveitada para a produção da matéria prima do chocolate: a amêndoa.

“Os produtores de cacau tinham uma demanda por um melhor aproveitamento do fruto, e resolvi aproveitar

meus conhecimentos na fabricação de destilados para fazer algumas experiências que resultassem em um produto de qualidade e que, ao mesmo tempo, tivesse compromisso com a sustentabilidade.” – explica André.

Após estudos, pesquisas e experimentos de destilação, nasceu a aguardente de cacau, batizada de **Cacahuatl** (“suco amargo” em Asteca). A bebida, já disponível no mercado, pode ser servida gelada ou na temperatura ambiente, tem aroma e paladar frutados, com gustação que remete à polpa da fruta e notas discretas de chocolate amargo.

Além de ser sustentável e agregar valor ao produto final, a produção da aguardente criou novas oportunidades de renda para os trabalhadores rurais da plantação de cacau de Linhares – ES, município responsável por 85% da produção do Estado.

“A parte do fruto que antes era dispensada, hoje é vendida pelo trabalhador rural e seus familiares para ser utilizada como matéria prima da aguardente, gerando um ganho na economia local. No final, ganham o meio-ambiente e a economia” – afirma Scampini.

A inovadora aguardente teve amostras enviadas não apenas para especialistas brasileiros. Foi também para os EUA, Portugal, Bélgica, Suíça, e participou como convidada de três feiras na Alemanha. Atualmente, sua produção é terceirizada por um alambique em Linhares, e já está disponível no mercado, inclusive no exterior de onde já tem pedidos de importação.

“A exportação de um produto que une tradição local, tecnologia e sustentabilidade é um importante passo para alavancar a economia brasileira, ainda mais em um cenário de instabilidade econômica gerado pela pandemia.” – complementa o empreendedor capixaba.

Antes estigmatizada, a bebida assumiu o *status* de produto sofisticado, graças a investimentos em marketing e na diversificação da produção. Hoje, a aguardente é uma bebida nobre, que valoriza ingredientes peculiares, sustentabilidade e brasilidade.

A Cacahuatl tem 40% de teor alcoólico e pode ser bebida pura ou em drinques como a brasileiríssima caipirinha. Segundo Andre, é uma bebida para ser apreciada em todos os detalhes, algo como “*beber história*”, cheia de significado para qualquer ocasião.

Mais informações: www.velhocarvalho.net.br



Designed by macrovector / Freepik



Avenida Paulista, 2020, acrílica sobre tela, coleção particular, Rio de Janeiro

Foto: Vicente de Mello

Corredor Cultural de SP recebe maior exposição individual de BEATRIZ MILHAZES

Duas instituições são protagonistas da exposição: O MASP e o Itaú Cultural, ambas localizadas na Avenida Paulista, Corredor Cultural da cidade.

A dobradinha – que cobre a produção da artista entre os anos de 1990 e 2020 – poderá ser visitada até 30 de maio.

No total, são 170 obras entre pinturas, gravuras, colagens, esculturas e desenhos.

Foto: Cortesia de *DurhamPress*



Hawai em Amarelo Brilhante, 2019, colagem de papéis variados e recortes de gravuras da artista sobre papel

Foto: Pepe Schettino

As pinturas, gravuras, colagens e esculturas de Milhazes refletem formas e cores brasileiras e registram histórias e culturas artísticas desde o barroco até o modernismo, passando pelo dito popular até o erudito. Seus trabalhos também estabelecem relações entre a sua cidade, o Rio de Janeiro, e o bairro onde fica seu ateliê, o Jardim Botânico.

Atualmente, suas obras estão em instituições como *Centre Pompidou*, Paris; *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia*, Madri; *The Museum of Modern Art*, Nova York; *Tate Modern*, Londres, e *Museum of Contemporary Art*, Toquio.

A mostra simultânea nas duas instituições ilumina os desdobramentos da técnica que Milhazes cunhou de *monotransfer* em torno da transferência e da impressão, que permeia seu pensamento e intervenção nos diferentes suportes e linguagens artísticas com os quais trabalha.

Nos dois locais, o público poderá conferir as transformações do trabalho da artista desde a década de 1990 e, ainda, ter acesso a uma produção bastante recente que foi pouco vista em instituições culturais. Nesse período, ela realizou suas primeiras gravuras com a *Durham Press* que, apresentadas no Itaú Cultural, possibilitam notar como a interlocução entre impressões e colagens com a pintura transformou sua prática artística. Na mesma década, em parceria com sua irmã e coreógrafa Márcia Milhazes, a artista passa a desenvolver trabalhos para espetáculos de dança, em uma frutífera relação que a aproxima da escultura.

NO ITAÚ CULTURAL

A mostra ocupa os três andares do espaço expositivo, com 79 obras – três delas, inéditas: *“Hawai em Amarelo Brilhante”*, *“Cor de pele”* e *“Giro horizontal”*. Entre colagens, gravuras e um minidocumentário sobre a obra da artista, os 18 trabalhos no 1º piso mostram as estratégias utilizadas na construção do plano nos diferentes suportes.

É nesse andar que estão os trabalhos mais antigos, como *“Sabor de Cereja”* (2005), e os mais recentes,



Da esquerda para a direita: *Benguelê*, 2020, acrílica sobre tela, coleção particular, Rio de Janeiro; *Hibbi*, 2001, colagem de papéis variados e embalagens de doces sobre papel

Fotos: Pepe Schettino

como “*Dovetail*” (2019), a maior e última gravura produzida pela artista até agora, um dos destaques da mostra – exemplo do desdobramento do trabalho de Beatriz entre as diversas linguagens artísticas. Trata-se de uma serigrafia, em madeira de topo e folha de ouro, impressa na *Durham Press* (ateliê de gravação da Pensilvânia que elabora a maior parte desses trabalhos dela), que possibilita notar como a interlocução entre impressões e colagens com a pintura se transformou em sua prática criativa.

“É um corte na madeira como se faz nos trabalhos de *marchetaria*, encaixando de forma triangular e é toda montada a partir de artes de outras gravuras que se juntam e encaixam”, conta o curador Ivo Mesquita.

No 1º subsolo, 21 obras ocupam todo o andar organizado em torno dos círculos contidos no trabalho de

Beatriz. O conjunto das obras permite a compreensão do modo como ela usa as estruturas das rosáceas, compassos, formas circulares e anéis, desenvolvendo a partir desses elementos uma dinâmica que movimenta a composição no primeiro plano e faz com que suas pinturas, gravuras e colagens alcancem forte apelo ótico.

“Não tem repouso do olhar nos trabalhos de Bia, sempre tem movimento, um giro, uma linha, e o observador se prende no que vê no primeiro plano sem perceber o que está por trás”, observa Mesquita.

Por fim, no 2º subsolo estão 40 obras que envolvem o andar com um caráter mais didático. Elas revelam, por exemplo, como uma ideia se desdobra em outra: uma pintura pode ser reestruturada como uma gravura diversa para, a partir dali, surgirem novas colagens.

Segundo Mesquita, um dos pontos mais interessantes é mostrar como a artista consolidou linguagem, estilo e imaginário próprios. *“Por um lado, existe racionalidade, matemática, precisão, determinação, mas ela também se arrisca”*, afirma Mesquita. *“O trabalho da Bia não é o que você vê, mas o que está por trás”*, completa.

NO MASP

No museu, a galeria do 2º subsolo abriga 50 pinturas de grandes dimensões, em estruturas autoportantes que permitem a visualização das obras frente e verso. Do teto, pende a escultura *“Gamboa”* (2010-20), que será também o cenário para o palco das apresentações da Márcia Milhazes.

No mezanino, encontram-se 12 pinturas de pequenos formatos, em uma atmosfera mais intimista que servirá de caminho para a galeria do 1º subsolo, onde outras pinturas estão expostas junto a uma série de sete desenhos intitulada *“Aleluia”*, de 2020, e a tapeçaria *“Carioca”* (2007-08).

No *Acervo em transformação* (1º andar) foram instaladas a escultura *“Marola”* e a pintura *“Avenida Paulista”*, esta realizada especialmente para a exposição, assim como 10 outras pinturas apresentadas pela primeira vez ao público visitante.

“Essa mostra é uma oportunidade única para se conhecer e compreender o trabalho dessa que é uma das principais artistas brasileiras vivas”, afirma o curador

Adriano Pedrosa. *“Há uma nova geração de observadores e visitantes que vão entrar em contato com a obra da artista ao vivo pela primeira vez, e podem se aproximar dessas características mais técnicas”*, completa a curadora Amanda Carneiro.

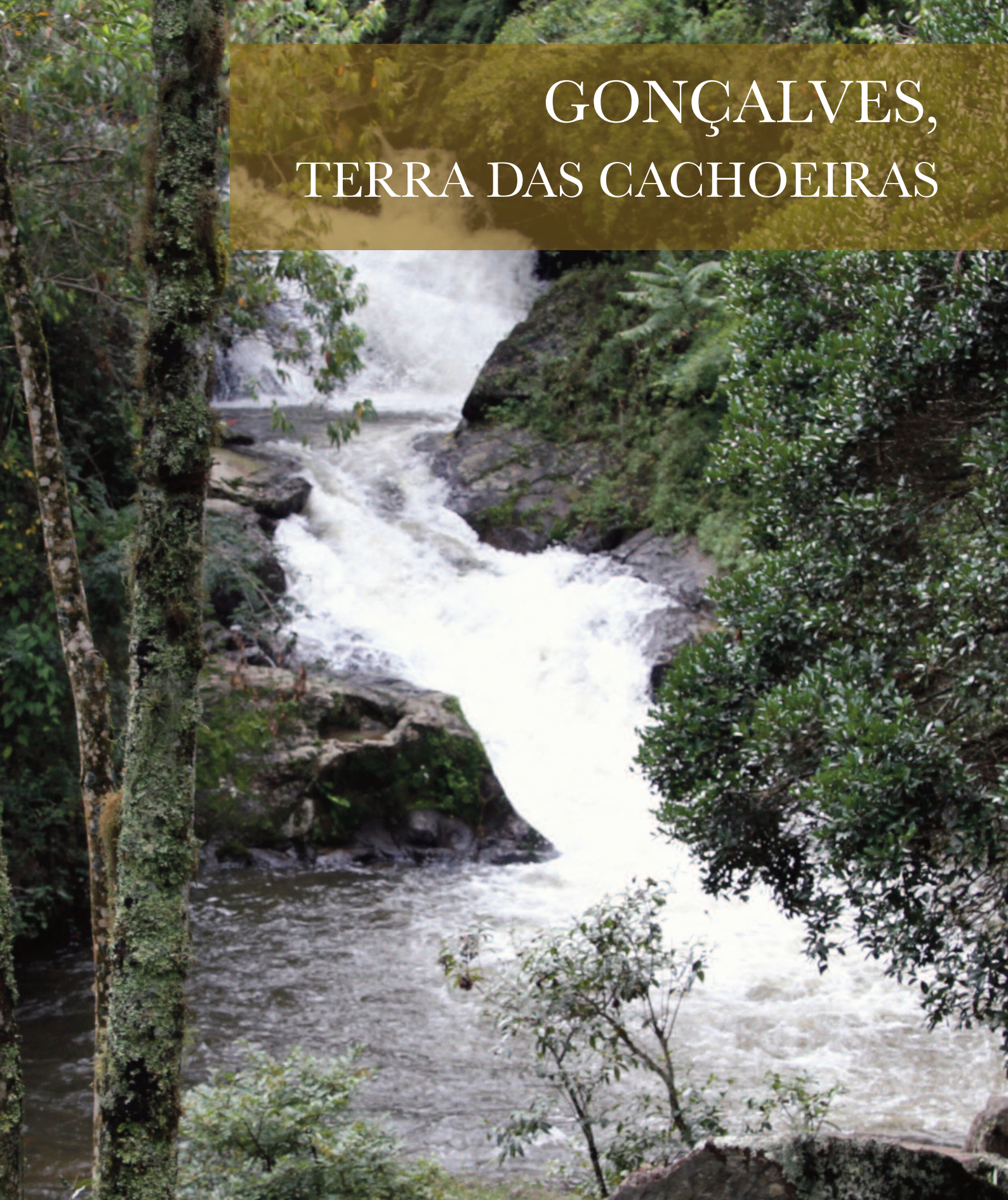
AVENIDA PAULISTA POR BEATRIZ MILHAZES

A artista comemora a mostra, que vem sendo idealizada desde 2018, não somente pela sua abrangência e diversidade, como também pelo que representa neste momento. *“Depois de tanto tempo de clausura, vivenciada no mundo todo, entrar em contato com a arte abre outras perspectivas, alegria, esperança, poesia”*, diz ela. *“A arte tem esse poder e vamos procurar reforçá-lo tentando modificar esse momento, nem que seja por instantes.”*



Foto: Vicente de Paulo

GONÇALVES, TERRA DAS CACHOEIRAS



Emoldurada pela serra da Mantiqueira, a discreta cidade mineira oferece muito mais além das paisagens bonitas e suas dezenas de cachoeiras: a boa gastronomia e ótimas opções de atividades ao ar livre são outros grandes atributos



Cachoeira da pousada Solar d'Araucária

Até bem pouco tempo, eu nunca tinha ouvido falar de Gonçalves, um discreto município de quatro mil habitantes, adornado pela serra da Mantiqueira e com esplêndidas paisagens típicas do sul de Minas Gerais.

Devido a sua proximidade com São Paulo, foi perfeitamente viável passar um delicioso final de semana a 2.100 metros de altitude, embalada pelo cenário mesclado

de cachoeiras, araucárias, colinas, morros e bosques, sempre alinhavados por estradas de terra sinuosas.

Infinitamente mais recatado do que seus célebres vizinhos – Campos de Jordão e Monte Verde – a cidadezinha, que é a porta de entrada do sul do estado, é uma microrregião, com personalidade própria e enraizada em suas tradições.



Arte local retratando a cidade

Na intenção de acalantar costumes antigos, o povo de Gonçalves conserva alguns hábitos bem pitorescos, como transportar algumas de suas mercadorias agrícolas em carros de boi pelas ruas da cidade, ou ainda se locomover no lombo de cavalos, cujas ferraduras estalam nos paralelepípedos.

O que não falta em Gonçalves são cachoeiras. As mais conhecidas e visitadas são as dos Henriques, a 9 km da zona urbana, com piscina natural, muito convidativa para banhos; a do Simão, no bairro dos Venâncios, a cerca de 3 km da cidade; a São Sebastião, mais longínqua, cujo acesso se dá através de uma trilha, em 40 minutos; e as cachoeiras Sete Quedas e do Retiro, ambas no bairro do Retiro, que podem ser alcançadas facilmente, pois se encontram a 1,5 km da cidade. São todas acolhedoras, mas sempre redobre



Centro de Gonçalves

Foto: Js fouche / Wikipédia

o cuidado na parte de cima, pois a inclinação das quedas é acentuada.

O clima, é justamente um dos fatores que encanta os turistas em várias épocas do ano. Nessa altitude subtropical, raramente o calor passa dos 32 graus, mesmo em pleno verão; em contrapartida, a temperatura pode despencar até menos 7°C entre junho e agosto, atraindo quem gosta de contemplar a natureza transformada pelo frio intenso.

Na temporada de inverno, o turismo de aventura e rural proliferam, e inúmeras atividades ao ar livre são praticadas por esportistas, como *mountain bike*, *trekking*, passeios a cavalo e excursões em 4x4. E mesmo um só dígito no termômetro não espanta quem é adepto de programas aquáticos, como *cascading*



ou *boia cross* (em que você senta numa boia e se deixa levar pela correnteza do rio), e outras brincadeiras que podem ser realizadas graças ao grande número de cachoeiras espalhado pela redondeza, a maioria de fácil alcance.

Mesmo durante um final de semana chuvoso, encontra-se o que fazer em Gonçalves. No centrinho, tem pequenas lojinhas de artesanato com criações próprias, um farto leque de restaurantes charmosos com boa gastronomia – de trutas à típica comida mineira – e uma atmosfera envolvente, muito hospitaleira. A feira de produtos orgânicos, aos sábados, é lendária.



Encontra-se de mel à cachaça, marcos de Gonçalves. Fora geleias, doces, legumes, verduras e frutas cultivadas nos sítios dos "*bairros*" (microcomunidades) próximos. E, convenhamos, nada mais gostoso e romântico, depois de um dia cheio de atividades e tendo se deliciado com as paisagens bucólicas, do que relaxar no conforto de seu chalé, diante de uma lareira, com uma taça de vinho na mão.



Domingos Tótora

Foto: Divulgação

A pouco mais de uma hora de Gonçalves, o talento de DOMINGOS TÓTORA em Maria da Fé

A cidadezinha de Maria da Fé, destino turístico integrante da Rota Estrada Real, destaca-se pelos seus artistas e ateliês. A começar por Domingos Tótora, um dos mais importantes designers brasileiros, que incluiu sua cidade natal no circuito internacional

Foi de Tótora a ideia de criar a oficina *Gente de Fibra*, em 1998, com o objetivo de produzir um artesanato totalmente sustentável. Na ocasião, reuniu um grupo de cinco mulheres e emprestou a elas o seu talento para desenvolver um artesanato que tivesse identidade local: obras com papel reciclado e fibra de bananeira.

A iniciativa deu frutos: no percurso, foram criadas outras oficinas e seus produtos foram conquistando mais mercado. Mas Domingos Tótora tinha muito mais para criar e montou seu próprio estúdio de arte e design, localizado em uma área rodeada pela natureza, em pleno centro de Maria da Fé.



Fotos: Divulgação

O trabalho do artista transita entre a arte e o design. Ele devolve ao papelão as características da madeira que o originou, promovendo, de fato, a sustentabilidade. Em seu *habitat* de expressão e experimentação, cria objetos e esculturas onde a beleza é inseparável da função. Concede *status* de arte a peças simples do cotidiano.

Domingos Tótora já recebeu o *Prêmio Design do Museu da Casa Brasileira* na categoria *mobiliário* (2010) e foi um dos 100 artistas selecionados a expor no *Museu do Design de Londres*, na Inglaterra, pelo *Brit Insurance Designs of the Year 2011*, considerado o Oscar do design mundial.

Seu ateliê está sempre aberto à visitação. Com a presença do artista, filho de Maria da Fé, que estudou em São Paulo e voltou para promover a transformação de sua cidade.

Informações: www.domingostotora.com.br





Sou taça de cristal lançada ao mar, 2004; abaixo, detalhe da obra

Fotos: Wilton Montenegro

A sutil delicadeza de
RENATO BEZERRA DE MELLO
por
FERNANDO HENNING



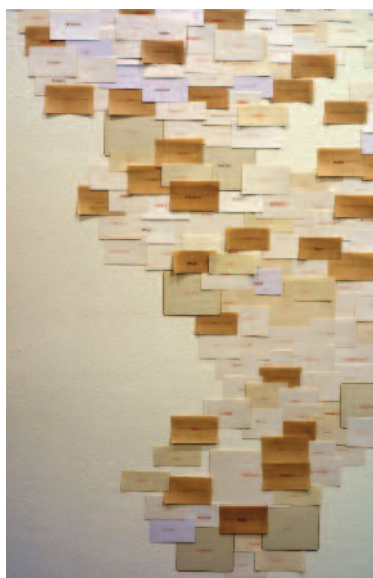
Escrever sobre a obra de Renato, nos remete aos limites da sensibilidade poética, onde a sua escolha do meio de comunicar a arte torna-se precisa e necessária. Junte-se a isso uma sutil delicadeza que está sempre presente, mesmo quando o protesto se faz urgente.

As raízes do artista estão fortemente ligadas ao Nordeste, condição que nem vários anos de contato direto com a arte francesa puderam alterar. De tradicional família pernambucana, Renato sabe, através da sua arte, ressaltar a importância do registro do passado vivido. E materializa essas pegadas nos suportes mais variados, sempre buscando a convivência do olhar do espectador e, se possível, a sua integração à obra.

Este processo de resgate se dá, por exemplo, na instalação em que ele quebra um belo conjunto de cristais – colecionados ao longo muitos de anos – para em seguida recolher os cacos e guardá-los como testemunho de uma época já passada. Vem daí uma lembrança de adolescência e da negação dos valores e conceitos adotados pela geração anterior, na busca de uma identidade própria. Às vezes, a ficha demora a cair para percebermos que a história a ser escrita, qualquer que seja o



Não somos um, somos vários, 2016; abaixo, detalhes da obra
Fotos: Wilton Montenegro





Good Boys go to Heaven, Bad Boys go everywhere, 2005

Foto: Rafael Adorján

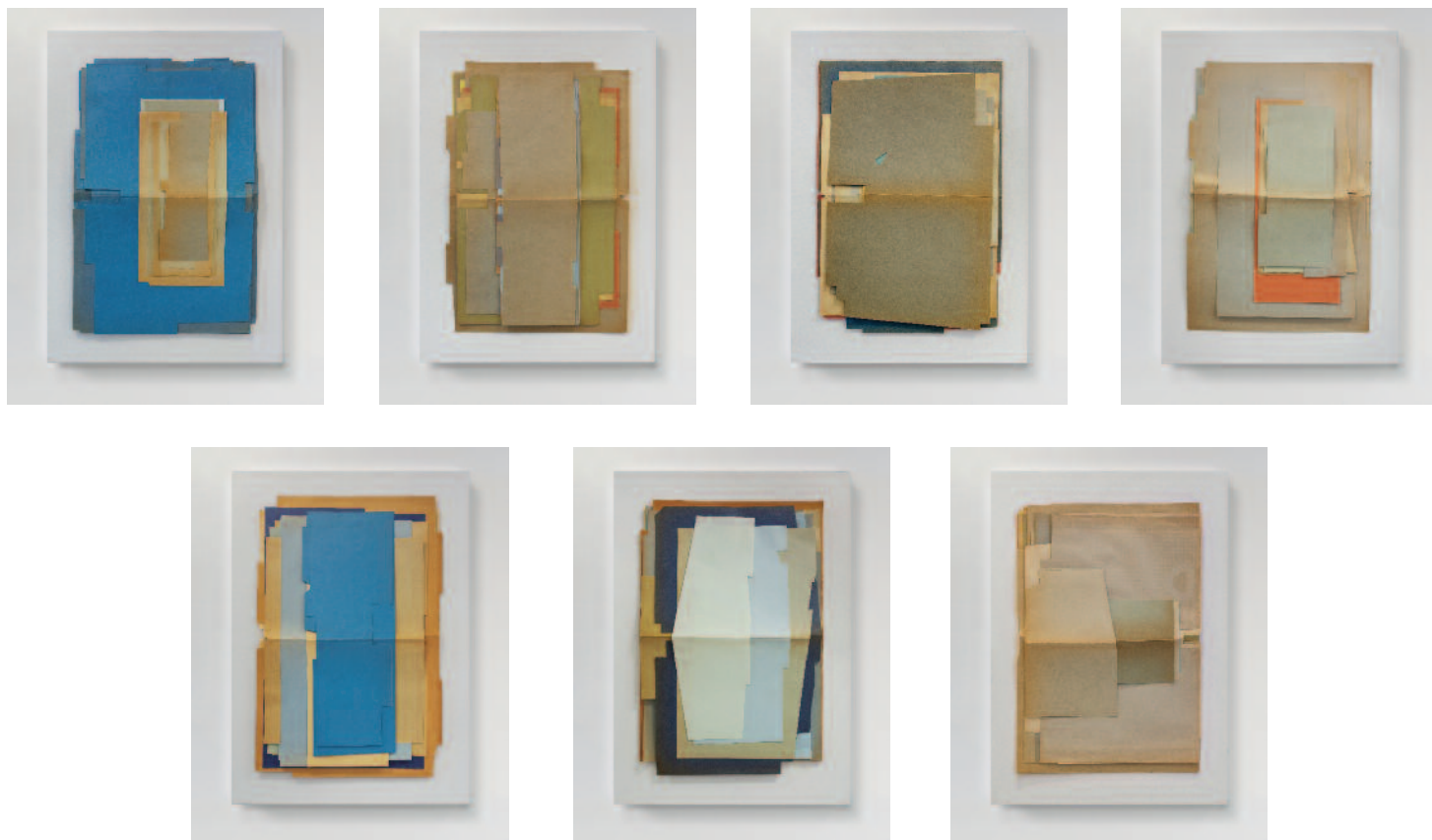
caminho escolhido, vai necessariamente conter traços do DNA do autor.

Assuntos atuais que demandam atenção aparecem na obra *Não somos um, somos vários*, onde os povos indígenas brasileiros nos são apresentados através de seus nomes escritos no verso de cartões de visita que pertenceram aos seus pais, com o conjunto formando o mapa do Brasil. Para bom entendedor, meia palavra basta.

A confirmação de que “*every picture tells a story*”, fica clara na obra *Good Boys go to Heaven, Bad Boys go*

everywhere, na qual figuras recortadas em forma de querubins aparecem em bandos, maneira encontrada para dispor de revistas pornô gay, a pedido de um amigo em seu leito de morte, que mesmo num momento tão extremo queria preservar seus pais na cegueira que vivam em relação a sua sexualidade.

Fica muito patente o respeito pelo sofrimento alheio no trabalho *Concretismo desbotado*, onde o artista apresenta painéis em tons pastel, feitos com pastas de arquivos recolhidas ao lixo em Paris, que continham a identidade de mulheres que buscavam se liberar da



Concretismo desbotado, 2020

Fotos: Paulo Paixão

prostituição. A ocultação da identidade dessas pessoas permite salvaguardar a intimidade das mulheres envolvidas em suave cromia. A recuperação da identidade de uma obra também pode ser encontrada em seus desenhos a lápis de cor feitos em papéis já deteriorados por fungos, dando-lhes uma sobrevida na sua tarefa de mostrar a arte.

Como a arte contém sempre uma mensagem, uma das obras do artista que me toca de maneira especial é o díptico no qual uma face apresenta situações como *pranto, reencontro, frágil, alegria, rastro*, todas elas

contidas dentro de frascos fechados. Em contrapartida, a outra face traz uma única palavra totalmente sem restrições: *Fantasia*. Tento pensar que num percurso com tantas adversidades, esse sentimento ainda é um propulsor poderoso no processo criativo.

Eu poderia continuar a me deter em várias outras obras, mas a tarefa não é simples, dada a diversidade de linguagem utilizada. Diante da possibilidade de abordar inúmeros suportes, entre os quais, bordados em linho, folhas de papel carbono datilografadas, feltro de canetas *pilot*, desenhos e pinturas, dou-me

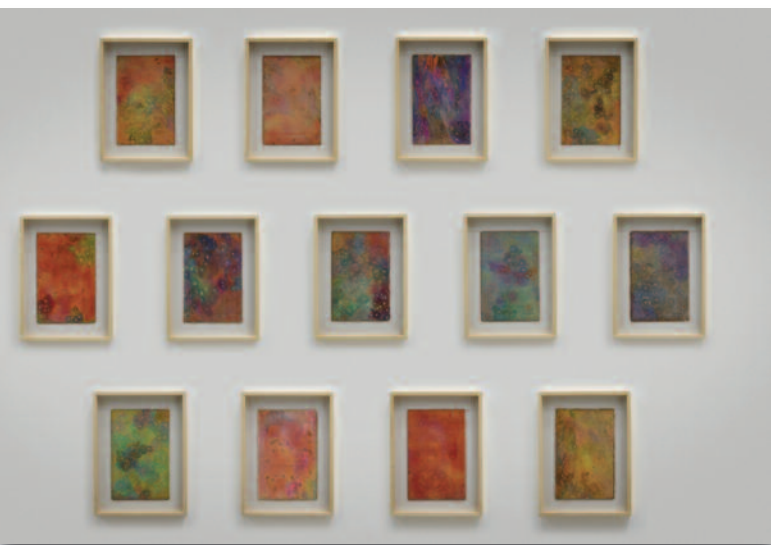
por satisfeito por poder ter acesso a esse conjunto de trabalhos impregnados de fino humor e poesia, plenos de emoção.

Renato, em sua poética trajetória, retrata em linguagem contemporânea coisas das quais às vezes já nos esquecemos.

Renato Bezerra de Mello nasceu em Recife/PE, em 1960. É formado em Arquitetura e iniciou sua vida profissional no Rio de Janeiro, dedicando-se ao restauro de bens tombados. Em 2000, mudou-se para Paris, passando a dedicar-se exclusivamente às artes visuais. Em 2007 retorna ao Rio de Janeiro. cursou especializações em História da Arte e Arquitetura

no Brasil e Arte e Filosofia - PUC; além da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e École National e Supérieure des Beaux Arts, atelier Annette Messenger, Paris. Participou de inúmeras exposições no Brasil e exterior, e suas obras fazem parte do acervo do Museu de Arte do Rio – MAR (Rio de Janeiro), Centro Cultural Banco do Nordeste (Fortaleza), Fundação Joaquim Nabuco (Recife), Museum of Latin American Art – Molaa/Long Beach (Califórnia) e Centre National des Arts Plastiques (CNAP), Ministère de la Culture et de la Communication (Paris).

Fernando Henning é engenheiro, gravador e colecionador de arte em papel. Teve aulas na EAV Parque Lage com John Nicholson, Bia Amaral, Orlando Mollica e Chico Cunha. Frequentou a Oficina de Gravura do Ingá de 2002 a 2015 e participou de coletivas do grupo ligado a Anna Letycia.



Para os que não podem falar, 2019

Foto: Wilton Montenegro



Correr no azul à busca da beleza, 2014

Foto: Oxana Iannin



KAWS, *Feriado expandido* (2020) | *Realidade aumentada*, 2014

Foto: Site *Acute Art*

UM MERGULHO NA ARTE VIRTUAL

Maria Herminia Donato

Há dois anos, li que o curador Daniel Birnbaum havia deixado o posto de diretor do Museu Moderna em Estocolmo para dirigir a *Acute Art*. Birnbaum foi curador da 1ª Bienal de Moscou (2005), *"Airs de Paris"* (com Christine Macel) no *Centre Pompidou* (2007), *"Yokohama Triennial"* (2008), e *"Zero"* (com Tijs Visser) na *Martin-Gropius-Bau* em Berlim (2015). Em 2009, foi diretor da 53ª Bienal de Veneza.

Fiquei curiosa e um pouco incrédula. Por que Daniel Birnbaum deixaria seu trabalho como diretor de museu

para uma carreira em RV (Realidade Virtual e RA (Realidade Aumentada) como diretor artístico da *Acute Art*? Seria a mudança uma indicação de que o mercado de arte, artistas e curadores começariam a dar importância à tecnologia digital imersiva?

A *Acute Art* é um modelo novo de produção, relativamente não muito explorado na venda de obras de arte digitalmente imersivas. – *É um desafio entrar em um futuro sobre o qual não sabemos muito* – disse Birnbaum numa entrevista.

Apostando na sua decisão, o curador manteve a reputação de caçador de talentos, identificando artistas novos e emergentes que poderiam ter uma história com novas mídias. Ele afirma que a RV e RA são um próximo passo lógico para artistas que já criam instalações imersivas, como Philippe Parreno.

– *Tenho a sensação de que certos artistas já estão antecipando certas possibilidades que ainda não tinham. As obras digitais estarão acessíveis nos subúrbios de Lagos ou fora de Zagreb. Você não terá que ir a Paris para vê-los. Não se trata de distribuição em massa, mas de onipresença. É arte para todos*”, diz Birnbaum.

A *Acute Art* foi fundada em 2017 pelo colecionador de arte sueco Gerard De Geer e seu filho Jacob De Geer. Segundo De Geer, se compararmos a distribuição de música e filmes com a de arte verificamos que para ouvir música usamos Spotify, para assistir filmes acessamos Netflix. A arte, porém, dependia de museus, galerias e feiras.

Viewing room, durante o *lockdown*, provou não ser uma experiência virtual comparável à visita presencial em feiras de arte ou galerias. Na verdade, a implementação digital nunca substituirá o encontro físico com uma obra de arte. Mas uma coisa é certa: os hábitos da geração dos *Millennials* são controlados digitalmente, e seu encontro



Koo Jeong A, *Pré-requisitos 7* (2019) | Realidade aumentada



Christo e Jeanne-Claude, *The London Mastaba AR (Hyde Park)* (2020) | Realidade aumentada



Marina Abramović, *Rising* (2018) | Realidade virtual
Fotos: Site *Acute Art* / Divulgação



Fotos: Maria Herminia Donato



com a arte começou nos videogames. Alguns museus, inclusive, permitiram que a produção de jogos usassem seu espaços virtualmente.

ARTE É UMA EXPERIÊNCIA A SER ADQUIRIDA OU COMPARTILHADA?

O ato de colecionar sempre irá existir, mas a plataforma de arte digital acrescenta uma nova dimensão à nossa experiência. Para Ben Vickers (CTO), diretor

de tecnologia da Galeria *Serpentine* de Londres, a “*Art Industrial Revolution*” já começou há algum tempo e estamos todos envolvidos não apenas com as especificidades da tecnologia, mas também com suas ramificações sociais, econômicas e políticas que essas tecnologias avançadas fazem.

O termo “*Realidade Virtual*” apareceu pela primeira vez em 1982, no livro “*The Judas Mandela*” de Damien Broderick. O autor americano William Gibson cunhou o termo “*ciberespaço*” no seu livro “*Neuromancer*”, permitindo que humanos entrassem em uma reali-

dade simulada por meio de interfaces. Mas o verdadeiro pai da Realidade Virtual é o cientista da computação Jaron Lanier.

A Acute Art colabora com os principais artistas contemporâneos do mundo, fornecendo acesso a tec-

nologias que lhes permitem traduzir sua visão criativa em novos meios digitais – incluindo realidades virtuais, aumentadas e mistas.

– Com a RA, novas formas de arte pública surgirão, disponíveis para qualquer pessoa com um smartphone.



Olafur Eliasson, *Wunderkammer* (2020) | Realidade aumentada

Foto: Site Acute Art / Divulgação

Esculturas virtuais podem interagir perfeitamente com o mundo ao seu redor, transformando espectadores em co-produtores ativos. As redes participativas podem parecer experimentais agora, mas espero que se tornem uma parte mais regular do mundo da arte do futuro – disse Birnbaum em recente entrevista.

Marina Abramović, artista Sérvia considerada a “avó da arte performática”, cujo trabalho explora as relações entre o artista e o público, colaborou com a *Acute Art* para produzir *Rising* (2018), obra que aproveita a tecnologia de realidade virtual para transmitir os efeitos devastadores das mudanças climáticas.

Já o artista dinamarquês Olafur Eliasson, com *Wunderkammer* (2020), usou a tecnologia para criar uma coleção de realidade aumentada de elementos naturais, pequenas obras de arte e experimentos de seu estúdio. Estes colecionáveis fundem o conhecido com movimentos surpreendentes e ações inesperadas, como um sol brilhante e um arco-íris cintilante ou uma nuvem que emite chuva, para que as pessoas possam apreciá-las em casa.

Ele é um dos artistas que participa do maior festival público de arte RA de Londres, exposição organizada pela *Acute Art* e *Dazed Media*, que apresenta 36 esculturas organizadas ao longo do rio Tamisa (entre a *Waterloo Bridge* e a *Millennium Bridge*, Southbank), até o dia 5 deste mês. Cao Fei, Alicja Kwade, Koo Jeong A e Marco Brambilla tam-

bém participam do festival, assim como Darren Bader, KAWS, Bjarne Melgaard e Tomás Saraceno, que apresentam peças inéditas.

Com o aplicativo da *Acute Art*, pude convidar o filho de Cao Fei para me visitar. O amigo invisível de Nina Chanel Abney também. A chuva, o arco-íris, o sol e a pedra da sorte de Olafur Eliasson, a Mastaba dos artistas Christo e Jean-Claude, que flutuou na *Serpentine* em Londres, são outras obras que me fazem companhia nesse inverno pandêmico de Londres.

Explore essa nova maneira de apreciar arte porque ela chegou para ficar.

Como acessar os trabalhos disponíveis na *Acute Art*:

www.acuteart.com | <https://acuteart.com/artist/unreal-city/>



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
tem boas notícias
para dar?

Então seu lugar é aqui.
ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com
(21) 3807-6497 / 97326-6868